

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2009 - ANO XII - Nº 153

Foto arquivo Pró-Memória

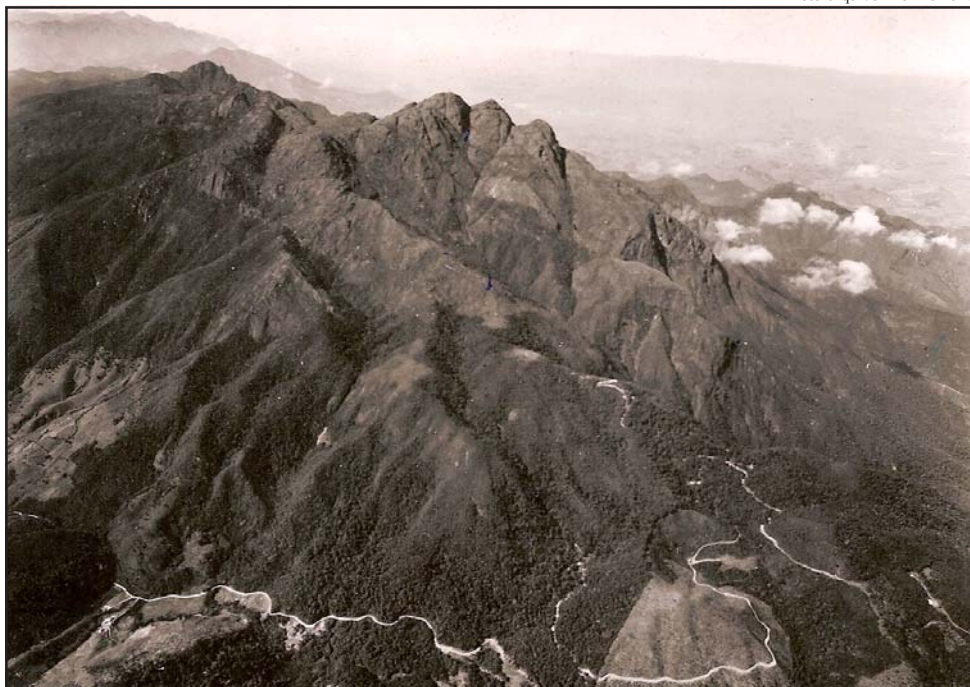
EDITORIAL

O Rio de Janeiro foi anunciado, no dia 2 de outubro, como sede das Olimpíadas de 2016. A notícia foi festejada no Brasil inteiro. O anúncio da vencedora, que concorreu com outras três cidades – Tóquio, Chicago, Madri –, ocorreu em Copenhague, na Dinamarca, e contou com a presença dos mandatários das três esferas do poder executivo brasileiro: Lula, Sérgio Cabral, governador do estado, e Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro, estiveram ao lado de Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, no emocionado momento em que Jacques Rogge, presidente do Comitê Olímpico Internacional, anunciou a cidade vencedora. É uma pequena mostra do poder de aglutinação de interesses políticos tão diferentes em prol de um só objetivo.

Passada a euforia da vitória, é hora de se arregaçar as mangas e trabalhar. As obras e projetos prometidos na cara campanha – estimada em R\$ 140 milhões – para a eleição do Rio de Janeiro representam um desafio de proporções épicas para o Rio de Janeiro. São obstáculos difíceis de transpor, por exemplo, a violência, a favelização desenfreada e a poluição de suas lagoas.

O povo brasileiro merece essas Olimpíadas. É fato que um evento como esse é de grande importância para o Brasil e, principalmente, para a cidade do Rio de Janeiro. Detentora de beleza natural ímpar, a “Cidade Maravilhosa” só tem a ganhar, desde que sejam bem aplicados os previstos R\$ 29 bilhões. Há que se avaliar, porém, a perenidade das obras e projetos a serem implantados. São essenciais, também, políticas públicas continuadas nos esportes, afinal, não se forma um atleta em sete anos e muito menos para uma competição apenas. O esporte deverá ser efetivamente incentivado nos mais longínquos rincões do país, visando não só à descoberta de atletas olímpicos, mas, especialmente, à saúde física e mental de milhares de brasileiros.

“Nas Olimpíadas de 2016, o Brasil vai ficar mais carioca e o mundo mais brasileiro” é uma das campanhas publicitárias nos meios de comunicação. Para fazermos valer a máxima, temos que nos empenhar nas cobranças, para que nossos dirigentes públicos fiscalizem a correta e eficaz aplicação dos recursos disponibilizados. Sejamos orgulhosos brasileiros, sejamos cariocas! Mas, antes de tudo, sejamos cidadãos!



A recuperação e a preservação dos remanescentes de Mata Atlântica na Mantiqueira são metas buscadas pela Fundação Christiano Rosa desde sua instituição. Na foto, o maciço dos Marins, em Piquete, que, pela sua beleza e valor ambiental, merece ser tombado como Monumento Natural.

Parque Nacional Altos da Mantiqueira

A Fundação Christiano Rosa alegra-se com recentes e auspiciosas notícias de que se encontram adiantados os estudos para a criação do Parque Nacional Altos da Mantiqueira. Desde sua instituição, em 1997, a Fundação vem envidando esforços para conscientizar a população sobre a importância da Serra da Mantiqueira, grande produtora de água não só para Piquete, como para toda a região.

Localizada entre os dois maiores centros urbanos brasileiros, a Serra é classificada e reconhecida nacional e internacionalmente como de extrema importância biológica. Nela subsistem preciosos remanescentes de ecossistemas nativos de Mata Atlântica, uma das principais formações florestais dos trópicos, restrita, hoje, a 7% de sua extensão original, e seriamente ameaçada de extinção.

Em 1985, reconhecendo a importância desse maciço montanhoso, o governo federal criou a Área de Proteção Ambiental (APA) da Mantiqueira. No entanto, apenas a transformação em APA não foi suficiente para se manter sua cobertura vegetal. A falta de constante vigilância por parte de nossas autoridades, bem como a falta de empenho da população pela sua preservação levaram a Mantiqueira a sofrer constantes ameaças de diversas naturezas: queimadas, desmatamentos, cultivo em encostas excessivamente íngremes e pastagens extensas de baixa produtividade etc. O loteamento clandestino, a abertura indiscriminada de estradas e o parcelamento irregular de propriedades tradicionalmente agrícolas

contribuíram para a rápida descaracterização desse patrimônio ambiental.

Em Piquete, a Fundação Christiano Rosa, em 1998, em parceria com universidades e centros de pesquisa, trouxe eminentes pesquisadores para conhecerem a região. Após estudos, elaborou uma proposta de criação de um corredor de conectividade entre o significativo fragmento de mata atlântica preservado pela IMBEL/FPV e a Flona de Passa-Quatro/MG. Em parceria com a IMBEL/FPV, a Fundação Florestal, o INPE e universidades valeparaibanas iniciou estudos visando à transformação desse fragmento numa unidade de conservação. Nessa época, propôs, também, que o maciço dos Marins fosse tombado como Monumento Natural, em função de sua importância histórica, beleza cênica e valor ambiental. A partir de 2006, vem desenvolvendo um projeto de recuperação de mata ciliar ao longo do ribeirão Limeira, cujas nascentes se encontram dentro da mata da IMBEL/FPV, na APA da Mantiqueira. Por meio deste projeto já foram plantadas aproximadamente 56 mil mudas de mais de 90 espécies da mata atlântica em áreas de recarga, promovendo a recuperação de várias nascentes.

Assim, quando da notícia da criação do Parque Nacional dos Altos da Mantiqueira, a Fundação Christiano Rosa vê parte de seus esforços coroada de êxito. Porém, acredita que há ainda muito a ser feito, pois sabe que é necessário somar esforços e manter vigilância continuada para a preservação da Mantiqueira.

Imagem - Memória



Em frente à antiga Basílica de Aparecida, o padre João Baptista Seraphim, então Pároco de Piquete, e a Pia União das Filhas de Maria, com sua presidente vitalícia, Maria de Lourdes Ferreira (D. Mariquinha), quando de uma romaria ao Santuário Mariano, na década de 1950.

A tradição das romarias a Aparecida

São raras as famílias católicas brasileiras que não têm em seus guardados uma fotografia tirada por algum lambe-lambe em frente ao Santuário Mariano de Aparecida, quando em romaria à imagem milagrosa da padroeira do Brasil. Esses fotógrafos, cada vez mais raros, mais do que simples profissionais, foram os responsáveis pelo registro desse exercício de fé.

A tradição das romarias chegou ao Brasil trazida pelos portugueses durante o período colonial. Também conhecidas como peregrinações, as romarias são jornadas empreendidas por motivos religiosos a um santuário ou a algum lugar sagrado e milagroso, aonde as pessoas vão pedir graças, cumprir promessas e agradecer favores recebidos.

Na diversidade dos contextos históricos e geográficos, as romarias sempre apresentam algo em comum: o costume de percorrer grandes distâncias, rumo ao local onde são concedidas, de modo especial, graças e favores espirituais. Com esse motivo, os peregrinos enfrentam o desafio de longas caminhadas, fome, sede, cansaço, às vezes doenças e tantas outras dificuldades.

As romarias constituem, sempre, expressões de grande fervor religioso. Uma promessa feita quando, normalmente, já se esgotaram os recursos humanos para se resolver uma situação difícil, representa um ato de fé e confiança. O cumprimento de uma promessa é um agradecimento, de forte conteúdo simbólico, como o portar vela acesa, o oferecimento de um retrato, de uma perna de gesso ou de uma muleta numa sala de ex-votos.

A devoção a Nossa Senhora Aparecida

nasceu no século 18, quando, em outubro de 1717, chegou a Guaratinguetá a notícia de que o conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida e Portugal, governador da capitania de São Paulo e Minas de Ouro, iria se hospedar na povoação, a caminho de Vila Rica, na região das minas gerais. A população alvorçou-se para receber o ilustre visitante. Encarregados de garantir o almoço da comitiva, três pescadores – Domingos Garcia, Felipe Pedroso e João Alves – navegavam no rio Paraíba do Sul em busca de peixes. Naquela tarde de 1717, o rio não estava colaborando com os pescadores: as redes voltavam vazias para o barco e os três amigos passaram horas sem conseguir um único peixe. Já estava anoitecendo quando a rede trouxe ao barco um pequeno objeto de aproximadamente 39cm – tratava-se do corpo de uma imagem feita de barro. Novamente atirada à água, a rede trouxe um minúsculo objeto de forma circular, causando espanto aos pescadores – era a cabeça da imagem. Montando a peça, perceberam que era a imagem de uma santa negra, de uma Nossa Senhora da Conceição. Os pescadores a acomodaram na pequena embarcação e continuaram o trabalho. Ao recolherem novamente a rede, outra surpresa: estava cheia de peixes. Eufóricos, os pescadores recolheram diversas vezes a rede, que agora voltava sempre farta de peixes. Este seria o primeiro milagre atribuído à imagem que havia aparecido, a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Durante quinze anos, Felipe Pedroso ficou com a imagem em sua casa, onde recebia várias pessoas para rezas e novenas. A devoção foi

crescendo entre o povo da região e muitas graças alcançadas pelos que oravam diante da imagem. A fama dos poderes extraordinários de Nossa Senhora foi se espalhando, levada para a região das minas e de lá para todo o país. Dessa maneira, chegou a Piquete, nos primórdios de sua povoação, ainda no século 18, trazida por tropeiros. A partir de então, cada vez mais romeiros provenientes do Sul de Minas desciam a Mantiqueira rumo à imagem milagrosa. A eles muitas vezes se somavam peregrinos piquetenses. Com o passar dos anos, foram inúmeras as romarias que, partindo de Piquete, se dirigiam ao santuário de Aparecida. Ainda hoje, como há dois séculos, quando os romeiros ou devotos entram na Basílica e o olhar ansioso e perscrutador descobre o precioso nicho iluminado com a miraculosa imagem de Nossa Senhora Aparecida, se sentem tocados por emoção indescritível. Renovados e fortalecidos na fé, retornam para suas cidades de origem.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Delba

A professora Delba Miranda de Souza nasceu no Rio de Janeiro, em Marechal Hermes, a 14 de outubro de 1926. A mãe, Júlia Miranda de Souza, era professora em Itajubá, até a mudança para o Rio de Janeiro, juntamente com o marido, Ariovaldo Ferreira de Souza, que trabalhava na rede ferroviária sul-mineira e fora transferido para a então capital federal. Com a eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932 e o desenrolar do conflito, o pai de Delba, convocado pelas tropas federais, veio para Piquete e “acabou ficando por aqui...”.

Em Piquete, a família morou por algum tempo numa casa ao lado da igreja de São José, transferindo-se mais tarde para uma residência dentro da Fábrica. Estudou no antigo Grupo Escolar do Piquete, onde foi aluna das professoras Durvalina e Milita Brito e Leonor Guimarães. Delba conta que suas melhores recordações são da “Dona Leonor Guimarães”: “Até chorei quando deixei sua sala...”. No grupo, foi colega de Nicinha Ferreira e Eunice Fernandes. Conta que a formatura do quarto ano do Grupo foi antecipada para outubro, uma vez que o prédio da escola estava a ponto de ruir.

De sua infância, recorda-se do catecismo paroquial, ministrado na Igreja São José, cuja catequista era dona Nica de Lima, e do padre Septímio Ramos Arantes, com quem fez a primeira comunhão.

Delba conta que, quando morava dentro da Fábrica, pegava carona diariamente no trem dos oficiais para ir à escola, no horário do almoço. “Eu ia até a estação da Estrela... Não me lembro do nome do diretor que, vendo o perigo do trânsito de crianças dentro da Fábrica, acelerou as obras da Vila Duque. Dessa forma, ganhamos uma das primeiras casas daquela Vila”. Mudaram-se em 1939 e lá Delba morou até seu casamento, em 1963. Cita, com carinho, as famílias vizinhas: Raul e Rafaelina Mota, Geraldo e Ana Gifôni, Francisco Peixoto e Durvalina, Catrica e Djanira, Chico e Maria Ortiz, Ildefonso e Durvalina Botelho, Joaquim Augusto e Albertina, entre outros.

Na Escola Profissional da FPV, frequentou aulas dos cursos de Corte e Costura e



Bordados. Foi aluna das professoras D. Emi e D. Maria. Mais tarde cursou o Ginásio da Fábrica, e em 1954, matriculou-se na Escola Normal Livre Duque de Caxias. Formou-se professora em 1958. Cita as professoras Ricarda Godoy, Odaísa Frota, Elvécio Rossi e Paulo Canetieri, e algumas das colegas de turma: Eunice Fernandes, Helena Azevedo, Nair de Paula, Paulina Vieira e Mazilda Mazza. Formada, lecionou no curso noturno e também como substituta, a fim de “aumentar seus pontos”. Em 1964, já casada com Benedito Alves de Souza, ingressou no Magistério estadual, indo lecionar em Suzano. “Fiquei pouco mais de um ano por lá. Marcou-me a rígida educação dos alunos, quase todos japoneses, e o respeito dos pais com os professores”. De Suzano, retornou para Piquete, já que a situação de casada permitiu-lhe a remoção. Foi trabalhar no Grupo Escolar da FPV, no Curso de Admissão. “Foi assustador... Eu não me sentia preparada. Sorte que foi por meio ano apenas...”. Em 1966, retomou as turmas do primário, até sua aposentadoria, em 18 de janeiro de 1985. Delba conta que sempre gostou de lecionar para a terceira série.

Lembra-se, também, orgulhosa, das datas cívicas: “Cantávamos o Hino Nacional e hasteávamos a bandeira diariamente...”. Como colegas de trabalho, cita Cida Barbosa, Terezinha Maduro, Francisca de Castro e Maria José de Lima...

Delba teve três filhos que lhe deram oito netos e três bisnetos. Aos 83 anos, cultiva a discrição ao lado da família e as recordações do tempo em que ensinava e formava, com amor, muitas das crianças de Piquete.

Você sabia?

01 de Outubro

Dia Nacional do Vereador

Até a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, eram poucas as vilas e cidades no Brasil. Dessa forma, as câmaras constituíram o principal núcleo de exercício político no Brasil Colônia. Além dos vereadores, escolhidos dentre os portugueses radicados na colônia, essas instituições possuíam um **Procurador** e **Oficiais**. Eram presididas por um ou dois juizes ordinários (também chamados **de dentro**, por serem moradores do lugar). Controladas, portanto, por membros favoráveis à Corte, as Câmaras e seus edis foram, por diversas vezes, elementos de vital importância para a manutenção do poder de Portugal na Colônia, organizando a resistência às diversas invasões feitas por ingleses, franceses e holandeses. Com o surgimento do sentimento nativista, já no século XVII, tornaram-se focos de diversas revoltas e distúrbios. O direito de uma *freguesia* ou *povoado* de tornar-se vila era comprado à Coroa – algo feito pelos próprios moradores interessados. Dentre estes era escolhida a formação da primeira legislatura.

Quando da Independência do Brasil, em 1822, as Câmaras municipais aderiram ao novo Imperador. Na Bahia, que permanecia sob o jugo português, foi a partir da resistência dos edis que o povo se organizou para a luta: em todo o estado se reuniram, manifestando-se súditos de Pedro I.

Ao longo do tempo, a denominação se manteve, apesar de algumas vezes ter sido chamada *senado municipal*.

12 de Outubro

Dia da Criança

O Dia Mundial da Criança, é comemorado em 20 de novembro, data que a ONU reconhece como *Dia Universal das Crianças*, por ser a data em que foi aprovada a **Declaração dos Direitos da Criança**. Porém, a data efetiva de comemoração varia de país para país: no Brasil, o Dia da Criança é comemorado juntamente com o dia de Nossa Senhora Aparecida, em 12 de outubro, que é feriado.

O Dia da Criança no Brasil foi criado na década de 1920, por proposta do deputado federal Galdino do Valle Filho. A Câmara aprovou a idéia e o 12 de outubro foi oficializado como Dia da Criança pelo presidente Arthur Bernardes, por meio do decreto nº 4867, de 5 de novembro de 1924.

Somente em 1960, porém, quando, para aumentar suas vendas, a fábrica de brinquedos Estrela fez uma promoção em conjunto com a Johnson & Johnson, lançando a “Semana do bebê robusto”, é que a data passou a ser comemorada.

Delba Miranda e alunas da professora Virgulina Machado em frente ao Grupo Escolar do Piquete. Foto de 1938.



As peregrinações

Peregrinar é uma das atividades humanas mais marcantes para representar a conquista cultural que coloca os seres frente a si próprios e a uma expressão divina, à qual é atribuída uma função primordial, da criação aos eventos marcadores das trajetórias. É a maneira pela qual os humanos interrogam-se sobre o seu destino, papel, razão de ser, e perguntam-se, entre deslumbrados e inquietos, sobre a grandeza do espaço universal no qual mergulham, e a motivação que conduz o seu protagonismo.

Desde os primórdios da vida civilizada os homens e as mulheres, sobre o substrato territorial no qual vivem, migram, movimentam-se à busca da sobrevivência e peregrinam à busca do absoluto, da razão da existência e da divindade à qual atribuem o sentido da existência. Invocam proteção, cultuam e rendem manifestações movidas pela fé.

Dos povos chamados primitivos aos evoluídos na escala civilizatória, a religiosidade manifesta-se em cultos a imagens personalizadas como semelhantes aos humanos, incluindo caracteres físicos representativos de etnias, ou a figuras criadas por um imaginário complexo, ou mesmo, às forças da natureza ou componentes naturais dados como vitais: a própria Terra, a água, o sol, e elementos energéticos, entre outros.

Sem nos determos especificamente nas etapas pelas quais passam comunidades manifestando suas preferências ideologizadas de fé, lembramo-nos de que, à medida que um grupo domina o outro em conquistas do espaço vital, o dominante impõe sua religiosidade como símbolo civilizatório, conduzido, entretanto, como fórmula de poder.

Assim, a catequização dos habitantes naturais das áreas de colonização moderna deu-se pela cristianização imposta pelos conquistadores, muitas vezes à custa do sangue e do sacrifício. A cruz era levantada, com astúcia e força, para impor, definir e comandar, sob aceitação tácita ou revoltada. O uso de métodos educativos e sedutores interpunha-se aos relatos primordiais de

origem, atualizando ideários com as bênçãos do batismo, a promessa da vida eterna e o conforto da espiritualidade.

Da exploração do meio ambiente em



nome do capitalismo gerou-se todo o sistema geopolítico que configura o planeta nos países e áreas de influências.

Reduzindo o tema a uma fórmula mais sintética de análise, temos, no Brasil, a retratação desse processo, pelo qual, até hoje, mantemos as idéias de exploração e ocupação debatidas, com os resultados que conhecemos pelos efeitos e pelas manifestações culturais que marcam nossos eventos, perfis, atos públicos ou particulares, códigos de honra e sistemas de comportamento.

A busca do divino invocado como primordial de ação e configuração espiritual, e a peregrinação religiosa no Vale do Paraíba marcam-se, desde o período colonial, pela antiguidade da colonização da área, como fundamentadoras e diretrizes. Sem falar das velhas trilhas indígenas, de cujos motivos pouco se sabe, pois constituíam migrações não apenas de caráter utilitário na busca de alimentos, mas de registros colocados na natureza – nas pedras e nos caminhos –, à procura do imponderável, pois os ciclos lunares e solares, em suas manifestações climáticas e sazonais, eram desafios a ser interpretados, e para tal, o mágico se propunha. Os mitos invocavam, desde as origens, o sentido da vida e suas manifestações. Os percursos, originalmente feitos a pé, eram repetidos por séculos. Alterações somente eram provocadas por ações de técnica ou por motivos de força maior. Os

roteiros sempre eram patrimônios de gerações em transmissão oral.

Registros documentais dão conta de peregrinações muito antigas, na região da Mantiqueira, dos que se instalaram desde o século XVII e XVIII à busca do gentio (o indígena) para ser escravizado, e do ouro que, descoberto, atraiu muita gente e permitiu extensivo povoamento. Nos núcleos com maior adensamento, os centros religiosos se impunham a serviço da própria ordem administrativa. Eram as capelas curadas, isto é, com o vigário (o cura) instalado, que davam autonomia funcional aos aglomerados, inicialmente como freguesias e, posteriormente, como vilas.

A busca do ouro, os caminhos abertos, a instalação provisória e depois permanente, eram trabalhosos e perigosos. Invocar imagens em nome da fé, como protetoras, era fundamental. Santos e santas invocados pontuaram esses caminhos e os núcleos habitados e concentrados em torno das capelas. No conjunto, as cidades valeparaibanais têm os seus nomes sempre adstri-tos ao nome de um santo ou santa, ou à figura divina considerada maior. A exemplo das peregrinações européias de base medieval, registram-se, secularmente, no Vale do Paraíba, as que se fazem hoje pontuadas pelo Caminho da Fé. É importante considerarmos a questão das peregrinações no momento em que se comemora mais uma festa de Nossa Senhora Aparecida, que atrai grande número de peregrinos e devotos da que é considerada a Padroeira do Brasil. Por outro lado, as cidades valeparaibanais estão se integrando como Estâncias Religiosas de Peregrinação no chamado Caminho da Fé, com seus respectivos padroeiros e principais referências no campo da santidade, como é o caso de Guaratinguetá e Santo Antônio de Sant'Ana Galvão.

Dóli de Castro Ferreira

Ilustração do texto: Pe. Oswaldo de Barros Bindão e paroquianos de Piquete durante romaria a Aparecida. Foto de 21 de abril de 1936.



“É por todos os modos admirável como uma pequena imagem quebrada da Imaculada Conceição tenha atraído o povo e suscitado em seu coração grande devoção a Maria. Este fato histórico não é explicável por razões humanas; deve ter suas razões divinas, isto é, da Providência de Deus, que desejava preservar seu povo no caminho da fé em Jesus Cristo e sua adesão à Igreja, mediante a devoção a Maria.”

(J.J.Brustoloni - Missionário Redentorista)

Espicaçando a curiosidade

Nada é tão bonito quanto uma criança solta no mundo, delirando de curiosidade. Ora surpreende diferenças de cores, ora percebe novos aromas ou sente superfícies lisas ou rugosas e substâncias quentes, frias, doces ou azedas.

Aos quatro (4) anos, já está pronta para ingressar no ambiente que vai captar todos os seus desejos de conhecimento e dar-lhes uma resposta confiável: a escola.

Um belo dia, algumas crianças são convidadas a entrar em uma sala em que há apenas um pequeno balcão e, sobre ele, um lobo-guará empalhado.

A professora, propositadamente, vai ficando para trás, acompanhando a entrada das crianças.

Passado o inevitável susto – não se trata de um animal vivo –, começam a pulular frases curtas: que focinho fino; que orelhas pontudas; que pernas compridas; que bicho magro; prece um cachorro; não é cachorro, já vi na televisão, é lobo; é mesmo, estão querendo acabar com ele; o repórter disse que está na lista.

A professora se aproxima e pergunta:

– Gostaram do lobo-guará?

– É lobo-guará, professora? É diferente dos outros lobos?

– É um lobo do Cerrado Brasileiro. Foram os índios tupis que lhe deram este nome.

Identificado o foco das atenções, as crianças vão internalizando todo o vocabulário correspondente.

Comparações propostas, surgem as



diferenças em relação ao lobo do desenho animado, ao cachorro-do-mato, ao cachorro-do-mato-vinagre e ao cão doméstico.

Algumas aulas mais tarde, quando as crianças virem uma capivara em um filme sobre o Pantanal Mato-grossense, vão ser desafiadas a diferenciá-la do lobo-guará – a capivara vai ser colocada em compartimento separado, porque é um mamífero roedor.

Observar, identificar, classificar, integrar – tudo isto está longe da capacidade de nossas crianças de quatro (4) anos?

O aluno do nível fundamental não precisa ficar na escola mais do que cinco (5)

horas. A criança de até doze (12) anos precisa descansar, precisa contar para os familiares e vizinhos o que aprendeu na escola, precisa deixar seu cérebro vagar pelas maravilhas do conhecimento que vai adquirindo.

Só vai voltar à escola em outro período, se precisar de atendimento individual ou em pequeno grupo.

Nenhum professor vai ensinar a criança a ler com quatro (4) anos. Nenhuma escola brasileira precisa copiar modelos estrangeiros.

Algumas crianças passam o dia em creches ou escola de tempo integral por necessidade dos pais, que não têm com quem deixá-las.

Mesmo descontadas as aulas de ginástica e reavaliados os períodos de laboratório, é uma tortura para a criança ficar oito (8) horas com roupa formal, sapato e meia – principalmente nas escolas para nível social mais elevado.

Vem aí o Dia da Criança. Vamos dar-lhe de presente uma escola livre, amiga, que entenda seu direito de aprender, que espicace sua curiosidade.

Desejo para todas as crianças brasileiras uma escola sem assombros de tecnologia – uma escola simples, clara, arejada, com perfume de bondade e gosto de sabedoria.

Abigayl Lea da Silva

Professores

Dedico à mestra Ricarda Godoy Lopes, que nos ensinou, os primeiros professores formados em Piquete, a ser professores.

Na evidência da missão bem cumprida.

Nós, os professores, nos sentimos gratificados quando nossos alunos aprendem. E nós também aprendemos com eles. E essa é uma lição que os professores, que somos nós, valorizam pela experiência. Professores, no exercício contínuo da profissão, percebem que, mais do que ensinar, estão em contínua aprendizagem. Quanto mais tempo têm de experiência, mais sabor dão à transmissão do saber, que, afinal, é troca.

Lembro-me das aulas da emérita professora Ricarda Godoy Lopes na Escola Normal Livre Duque de Caxias, em Piquete, a nos transmitir, sua primeira turma de alunos-mestres, a grande experiência que tinha na prática do ensino. Discutia conosco a pretendida máxima circulante nos cursos profissionalizantes de professores, de que ensino é missão. Mostrava-nos, por isso, mais as asperezas do caminho, pelo percurso próprio, do que apenas a ideologia no imaginário constituído. Entretanto, com encantamento nos chamava à realidade do dia-a-dia quando embarcávamos nos sonhos “grandiosos” a transbordar nos cálices das ofertas. E nos conclamava à luta na verificação da aprendizagem. Dizia que era na avaliação final que seria aquilatada a tal

proposta do missionamento.

Sempre com fé nos alunos, impulsionando-nos à conquista da boa messe na safra satisfatória. Numa aula que preparei e desenvolvi em Prática de Ensino para uma classe infantil, tratei do leite, produção e derivados. Ao final, dei um doce de leite para cada aluno. Ela criticou sabiamente a finalização denotando que essa não era, enfim, a realidade diária. Pois o melhor efeito seria provar se a aprendizagem fora atingida, e não apenas conceder um prêmio por um simples treinamento. Importante, portanto, seria a crítica do processo pelos dois lados, a avaliação da capacidade do aluno em encontrar as razões da necessidade de assimilar o conteúdo proposto.

Por que estou escrevendo sobre essas considerações?

Primeiramente, porque neste mês de outubro comemora-se um dia dedicado ao professor, 15 de outubro. Segundo, porque a lembrança da ilustre mestra iluminou-me no registro da ação de professores cuja dedicação se fixou nas lições aprendidas.

Ao mesmo tempo, quero lembrar os mestres, cuja fonte de iluminação, ao se apagar pelo desgaste no tempo, deixaram

marcas indelévels. Recentemente, dois desses extinguiram suas luzes e, encantados, como queria Guimarães Rosa, mudaram de plano.

Os dois chegaram à companhia de José Luiz Pasin. Glória (Maria da Glória Freitas), que o conheceu, e cultivou com entusiasmo ao lado de Pasin, lá, na Aparecida do Norte, a área de História. Uma alma simples e um coração aberto para os amigos. Sofrida, nos deixou aos poucos.

Ubaldo, não os conhecia, mas ombreava-se aos grandes mestres da língua portuguesa. Grande amigo, com provas cabais de amizade, Ubaldo foi se extinguindo, para repousar num belo gramado de jardim, à sombra de muitas árvores, que o receberam ao embalo do vento crepuscular, no topo de uma elevação com a metrópole paulista aos pés, na placidez do repouso e no encantamento. Ubaldo era um símbolo de paz, destemido na missão bem cumprida. E como nos versos de Paul Verlaine, que o vento parecia sussurrar, melodioso, “Le paradis au bout – O paraíso no final”, as luzes se apagaram, como nas estrelas mortas, mas o rastro permanece no foco das distâncias incomensuráveis.

Dóli de Castro Ferreira

Crônicas Pitorescas

A vaca...

Palmyro Masiero

A vaca é a madame do touro. Não se tem notícias se alguma vez o senhor touro reclamou de chamarem sua fêmea de vaca. Ponderemos: ele traz consigo os chifres de nascença, o que talvez lhe dê consciência de que não adianta chiar. Ou mugir... E não resolve nada essa valentia de ser boi bravo, boi inteiro, que, na hora do pega, acaba mesmo é com uma vaca. Ignora-se, também, se isso o incomoda.

Tornemos à vaca-fria, ou seja, ao assunto que nos propomos a falar, que, por sinal, é a vaca. Os bois de corte, segundo fofocas no curral, não a suportam. Justificam: eles é que se ferram nos matadouros e quem leva a fama são elas. Boi morto vira carne de vaca...

E por falar nisso, lá pelos antigamente, quando uma coisa era superconhecida, repisada, dizia-se ser “carne-de-vaca”. “Oh! tempora! Oh! mores!” Hoje em dia, carne-de-vaca é coisa comparativa à raridade, tipo contato cama e mesa com ETs.

No jogo do bicho, a vaca é o grupo 25. Coincidência... um a mais que o 24! Que razões levaram esses dois grupos a carregarem uma carga pejorativa consigo? Os “fezeiros” fanáticos, quando sonham com “muuuus”, leite e sei lá mais que tipos de indícios, descarregam nas dezenas 97, 98, 99 e 00. Nesse jogo, a vaca é o fim do azar. Ou do sonho...

Vacagem não é nada parecido com transas eróticas mirabolantes entre o touro e a vaca. É apenas um lote ou grande número delas. Entretanto, como a carne de vaca escafedeu da mesa do brasileiro, pode ter acontecido uma “vacanagem”. Evidente que elas estão exclusas de culpa.

Chamar uma vaca de vaca-leiteira é tirar diploma de burro. Claro, ora, pois esse líquido branco, opaco, chamado leite, é segregado pelas glândulas mamárias de todas as fêmeas dos animais mamíferos. Não se esqueçam de que ela amamenta cada bezerrão! Agora, nas conotações difa-

mantes que existem nas mais diversas regiões do país sobre vaca-leiteira, a gente aqui não vai nem tocar... Seguro morreu de velho!

Vocês conhecem a brincadeira da “vaca amarela etc etc etc...”? Era certamente o que estavam fazendo os homens lá de Brasília sobre algumas leis... Todo mundo caladão pra não ter que comer o “etc” dela. Mas resolveram abrir o bico juntos, que assim o joguinho perde a graça...

Em virtude disso, talvez, quem sabe, é provável, Deus queira, a gente vai encontrar carne de vaca com os mais diferentes rótulos: importada, congelada, agiotada, acordada, desapropriada e confiscada... Isso sim é que é diversificação!

Temos alguns tipos de carne de vaca especiais (na realidade de bois...). A carne de cordão, preferida dos tarados, é a que se tira de entre as nádegas e as coxas; carne de fumeiro, tá na cara: é a que seca no espaço entre a lareira e o telhado. Barato mesmo é a carne verde: ela é assim chamada porque é fresca, não salgada; mas se o nego topar qualquer coloração esverdeada na bicha, trombona e dá parte ao serviço de saúde pública! Durma-se com uma cor dessas!

Existem carnes que não se comprem. Em carne e osso é o desejo, por exemplo, de se ter uma Monique Evans ali, ó, em pessoa ao seu lado, de preferência a sós. Carne viva é quando você compra carne com áglio: sai esfolado. Carne de pescoço é a frieza e a indiferença de um gerente de banco quando você está a fim de um empréstimo. A falta de medicamentos está fazendo muita gente sofrer a ausência na própria carne.

Agora, pra levar vantagem em tudo, transforme-se em vaca. Só de mentirinha, porque, racional como você é, não vai fazer nunca a besteira que ela faz: ir pro brejo. Vai atolar, nego!

Finalizemos, que isso aqui está virando uma avacalhação!

Cuié de Pau

Edival da Silva Castro

Nasci gago.

Mamãe disse-me que minhas primeiras palavras foram qui,qui,qui.

Passados alguns anos, ficou confirmada minha gagueira. Como naquela época não se falava em fonoaudiólogo, fui crescendo balbo e servindo de gozação para os coleguinhas.

No jardim de infância, lembro-me de que a professora tinha especial atenção para comigo, principalmente ao ensinar-me o be-á-bá.

Certa vez, já grandinho, na varanda de casa surpreendi vovó conversando com papai:

– Norival, esse menino está cada vez mais gago. A única solução pra acabar com isso é a simpatia da “cuié” de pau.

– Como assim, mamãe?

– Numa das gavetas do armário da cozinha, onde se guardam talheres, há uma “cuié” de pau de bom tamanho; sem ele esperar, dá-lhe uma “cuiizada” na moleira, que ele sara na hora e pra sempre.

Depois desse dia, fiquei esperto quando papai se encontrava em casa: eu vivia debaixo das mesas ou das camas. Levaram uma “cuiizada” de pau na nuca não seria nada mole.

O tempo foi passando e a gagueira cada vez mais envolvente – até meus irmãos tiravam-me sarro.

Numa tardinha, vindo da escola, adentrei a casa. Tinha me esquecido por completo da conversa de vovó. Quando coloquei os pés na sala, levei uma pancada na cabeça, que girei 360° em torno do meu próprio eixo. De susto e de dor, berrei tão alto e prolongado, que a vizinhança correu pra rua. Proferi palavras de baixo calão, sem, contudo, gaguejar. Meu pai, com a “cuié” de pau na mão, saiu gritando feliz:

– Mamãe, mamãe, curei o garoto!

Eu, com as mãos na cabeça, media o tamanho do galo quando vovó chegou. Abrindo minha cabeleira, gritou:

– Dila, Dila, traga água e sal; o galo cantou pra valer.

Inocentemente, agarrando as mãos protetoras de vovó, chorando, perguntei-lhe:

– Vovó, vovó, pra que tudo isso?

– Ah, meu filho, você precisava dessa “cuiizada”... Daqui a algum tempo, você irá entender. Seu pai o ama.

– Que amor, hein, vovó! – Falei sem gaguejar.



A Fundação Christiano Rosa convida para a exposição

“III Caminhos...”

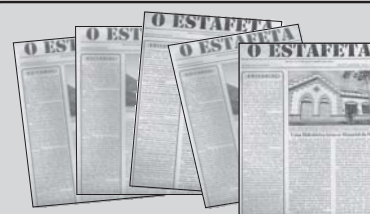
da artista plástica Anacyr Nascimento Araújo

Abertura: 21/11/2009, a partir das 20h

Exposição: de 22/11 a 06/12, das 16h às 21h

Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”

Largo do Hospital, Piquete/SP



Acesse, leia e divulgue o Informativo da FCR

“O ESTAFETA”

www.fundacaocrisrianrosa.cjb.net

As transposições do rio Paraíba do Sul

Localizada na região Sudeste, a Bacia do Rio Paraíba do Sul possui área de aproximadamente 55.500km² distribuída nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Drena uma das regiões mais desenvolvidas do país, abrangendo 180 municípios, que, juntos, são responsáveis por aproximadamente 10% do PIB brasileiro.

O rio que dá nome a essa bacia tem suas nascentes na Serra da Bocaina, no estado de São Paulo, na cota de 1.800 metros de altitude, e sua foz no norte fluminense, no município de São João da Barra. Sua área de drenagem distribui-se entre as serras do Mar e da Mantiqueira, situando-se em uma das poucas regiões do país de relevo muito acidentado, de colinoso a montanhoso, chegando a mais de 2.000 metros nos pontos mais elevados. Como exemplos, pode-se citar os picos das Agulhas Negras, dos Marins e do Itaguaré, com, respectivamente, 2.787, 2.422 e 2308 metros de altitude.

O grande potencial hídrico da bacia é utilizado para a geração de energia elétrica, abastecimento público, lazer, turismo, uso industrial e irrigação. Porém, esses múltiplos usos da água não são aproveitados somente pela população valeparaibana. Atualmente, a bacia abastece cerca de 14,3 milhões de pessoas, incluindo 8,7 milhões de habitantes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro,

beneficiadas pela transposição de grande volume do Paraíba do Sul para a bacia do rio Guandu.

Nos últimos meses, a mídia divulgou um decreto estadual que a comunidade



valeparaibana desconhecia. Trata-se do decreto 52.748, do governo do Estado de São Paulo, assinado pelo governador José Serra, em fevereiro de 2008, que instituiu um grupo de trabalho que irá propor um conjunto de alternativas de utilização de novos mananciais para o uso múltiplo dos recursos hídricos da Macro-metrópole de São Paulo. Além disso, está previsto que o estudo aponte diretrizes para o aproveitamento dos mananciais existentes e medidas de racionalização do uso da água até o horizonte de trinta anos.

A transposição de parte das águas do

Rio Paraíba do Sul é uma das principais e a mais viável das opções estudadas. A comunidade valeparaibana deve ficar atenta. Faltam dados e estudos que demonstrem a demanda hídrica, a quantidade e a qualidade das águas do Vale do Paraíba. Além de que as ações de preservação e de recuperação dos recursos hídricos dessa bacia são incipientes. São necessários investimentos na ordem de bilhões de reais para a revitalização dos recursos hídricos da Bacia do Rio Paraíba do Sul.

Antes que esse cenário fosse constituído, a Fundação Christiano Rosa já vinha executando trabalhos de recuperação e preservação dos recursos hídricos na bacia do Rio Paraíba do Sul. Ao longo dos últimos

13 anos, foram inúmeros os cursos de capacitação profissional e de educação ministrados na área ambiental. Ela também executa projetos de recuperação vegetal nativa e de gestão dos recursos hídricos na bacia do Rio Paraíba do Sul. A Fundação Christiano Rosa está trabalhando com afinco em defesa da Bacia do Rio Paraíba do Sul.

Thiago B. Santos

Foto: Trecho do Rio Paraíba do Sul em que se vê a Escola de Engenharia de Lorena (EEL-USP) e a foz do ribeirão Limeira, cujas margens vem sendo revegetadas por projetos da Fundação Christiano Rosa.

Mesa redonda da UNISAL sobre o Rio Paraíba do Sul

A possível transposição das águas do Rio Paraíba do Sul, que é alvo de um estudo que está sendo elaborado a pedido do governo de São Paulo, foi tema de um encontro realizado dia 24 de setembro, no Centro UNISAL, em Lorena, uma promoção conjunta do CBH-PS (Comitê das Bacias Hidrográficas do Rio Paraíba do Sul), Centro Universitário Salesiano de Lorena (UNISAL) e Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV). O evento foi realizado em comemoração ao "Dia do Rio Paraíba do Sul". No encontro, foi formada uma mesa-redonda composta por Edilson de Paula Andrade, geólogo do DAEE e coordenador da Secretaria Executiva do CBH-PS, Ana Maria de Gouvêa, Presidente do Conselho Curador da Fundação Christiano Rosa

(FCR) e membro da Câmara Técnica Consultiva do Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul (CEIVAP), e Paulo Sérgio de Sena, biólogo e professor. A coordenação da mesa ficou a cargo do Prof. Nelson Pesciotta, presidente do IEV.

Cerca de 100 pessoas marcaram presença no debate, que foi precedido por uma apresentação do documentário "O Rio Paraíba do Sul", do cineasta Mário Kuperman. Outros temas como desenvolvimento regional, construção de PCHs (Pequenas Centrais Hidrelétricas), cobrança pelo uso da água e vocação econômica do Vale do Paraíba entraram na pauta de discussão. Para os participantes, é preciso ampliar a consciência da sociedade sobre estas questões que, de uma forma ou de

outra, impactam a realidade ambiental da bacia, tendo a sociedade civil papel de destaque nesta mobilização.

Após o debate, foi proposta pelo IEV a elaboração de um documento em defesa dos recursos hídricos da bacia do Rio Paraíba do Sul, demonstrando a preocupação da comunidade valeparaibana acerca do assunto. Esse documento será encaminhado a órgãos e autoridades competentes, tais como: Secretaria de Meio Ambiente, Departamento de Águas e Energia Elétrica DAEE, Governador do Estado, Parlamentares, Prefeitos, entre outros.

Fotos: (1) Mesa de debatedores: Ana Maria de Gouvêa, Nelson Pesciotta, Edilson de Paula e Paulo Sérgio de Sena; (2) Participantes do encontro; (3) Ana Maria Gouvêa, Gilberto Filippo Jr., Nelson Pesciotta e Edilson de Paula.



Olimpíadas para nossas crianças

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Outubro é o mês da criança. Outubro de 2007 será lembrado como o mês em que o Rio de Janeiro foi escolhida como sede das Olimpíadas de 2016: no dia 2, juntos, em frente à TV ou ao computador, choramos de emoção ao ver a Cidade Maravilhosa no alto do pódio, em Copenhague.

Daqui a sete anos, muitos dos que neste 2007 são crianças e aguardam ansiosos seus presentes, em 2016 serão jovens e possíveis atletas olímpicos. Estarão, então, ansiosos por uma medalha.

Extensos e ambiciosos são os planos que constam do projeto vencedor apresentado pelo Comitê Olímpico Brasileiro para o Rio de Janeiro. Bilhões de reais serão investidos para se cumprir as metas estabelecidas e bem receber os atletas e turistas que aqui desembarcarão.

Como faremos, porém, para preparar nossos atuais e futuros atletas? Após a divulgação do resultado da competição pela sede das Olimpíadas de 2016, em que a cidade do Rio de Janeiro levou a medalha de ouro, várias foram as críticas apontando o descaso do poder público para com diversas modalidades esportivas, inclusive as de ponta, como a natação, em que temos campeões olímpicos como César Cielo. Ele próprio treinou para as Olimpíadas de 2008 nos EUA, quase sem patrocínio, bancado pelos pais. Nossos campeões da Ginástica Olímpica estão, há muito, passando o pires para conseguir treinar sem preocupações financeiras. Por vezes, põem em risco seus resultados em função da apertada agenda de comerciais publicitários, uma de suas fontes alternativas de renda.

Há não muitos anos, Educação Física era obrigatório nas escolas. Tínhamos aula teórica pela manhã, e duas ou três vezes por semana, à tarde, educação física no campo do Industrial... Havia provas e cobrava-se presença. Que me corrijam os professores se estou errado, mas não vejo mais Educação Física para crianças do Ensino Fundamental. Para os ensinos Médio e Superior, nem são necessários comentários – todos têm “atestados”...

O esporte há que ser visto como essencial para a socialização e o bem-estar de

jovens e crianças. O Brasil precisa incentivar sua prática. Por que os EUA e outros países são potências esportivas? Basta uma olhada nos incentivos que os atletas recebem. As universidades dão bolsas de estudo para os melhores. E aqui no Brasil? E em Piquete? Onde estão as quadras esportivas de qualidade, com instrutores à disposição dos frequentadores? Onde os campeonatos internos de basquete, voleibol, atletismo? Onde a participação nos Jogos Regionais do Vale do Paraíba?

Temos sete anos pela frente para as mudanças necessárias. Não há tempo suficiente para competirmos em pé de igualdade com países como EUA e China. Mas não é isso que importa. O prazer de uma vitória “em casa”, com a torcida a vibrar por nossos atletas será a maior de todas as medalhas. Tenho certeza, porém, de que essa será uma das maiores edições das Olimpíadas – se não “a maior”. O Brasil é perfeito quando quer e, certamente, teremos uma festa inesquecível. Resta saber se o espetáculo será somente nos 15 dias de competição...

Em Piquete, ainda há tempo de treinarmos as crianças que serão os jovens de 2016. Que este 12 de outubro seja um marco para avaliarmos o que podemos fazer para que elas encarem as Olimpíadas do Rio de Janeiro como um desafio. Que não lhes falte amor, diversão! Que não lhes falte a infância! Que as competições de que participarem lhes deem forças para ansiar sempre por mais! Que tenham garra e passem a competir com a vida! Que se pautem em metas realistas, mas desafiadoras, as quais proporcionam o prazer do desafio. Se algum jovem vulgar que a vida não lhe dá oportunidades, que se espelhe em atletas brasileiros – olímpicos ou não – que vieram de famílias humildes e hoje têm seus nomes gravados na história. Que não desistam.

Que as Olimpíadas de 2016 sejam as Olimpíadas de nossas crianças! Que sejam não apenas Rio 2016, mas, sim, Rio, Brasil e Piquete sempre!

Nas fotos que ilustram o texto, imagens mostram brincadeiras e atividades esportivas em Piquete, essenciais para a socialização e o bem-estar.



Fotos arquivo Pro-Memória

Fé é como gripe

Pe. Fabrício Beckmann

O cristianismo é um importantíssimo patrimônio cultural e uma belíssima tradição religiosa herdada de nossos antepassados. Creio que a fé cristã se propague como a gripe suína que acometeu tantos neste ano de 2009. Nunca se ouviu falar de alguém que tenha se contaminado sem entrar em contato com um portador do vírus H1N1. Da mesma forma, ninguém se torna cristão de verdade sem conviver com homens e mulheres de fé, pessoas que já foram contagiadas pelo evangelho e, com suas vidas, seus gestos e boas obras contagiam muitos outros.

No capítulo 9 do evangelho de Lucas, Jesus envia seus discípulos a pregarem o Reino de Deus, a propagarem um novo projeto: alicerçar a vida e a sociedade em valores como justiça, amor, misericórdia, fraternidade. Disse Jesus aos que enviou: *Não levem nada pelo caminho: nem bastão, nem sacola, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas.*

Hoje, há uma forte utilização dos meios de comunicação de massa na transmissão da fé. Acredita-se ser vitalmente necessário possuir grandes estruturas de mídia para que a mensagem do evangelho chegue aos homens e mulheres de nosso tempo. Estas estruturas movimentam grande volume de recursos financeiros, originados, principalmente, de doações de fiéis pobres, que são estimulados a doar sempre mais, para não serem culpados por um eventual fracasso destes meios de propagação da fé. Este programa de anúncio do evangelho parece, ao menos a mim, contrastar fortemente com o envio feito por Jesus: *Não levem nada pelo caminho...*

Meu palpite é que as futuras gerações de cristãos não serão herdeiras dos carismáticos e enriquecidos astros e estrelas produzidos pela mídia cristã, evangélica e católica. Este atual fenômeno é perecível e possui curto prazo de validade. A tradição cristã será legada às futuras gerações pela vida de santidade de muitos cristãos anônimos que, diariamente, se esforçam por viver conforme os ensinamentos de Jesus em suas comunidades de fé, fazendo-se solidários aos sofredores; partilhando seus bens com os pobres; cuidando das crianças, idosos e mais vulneráveis; lutando pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que todos sejam respeitados como filhos e filhas de Deus; denunciando injustiças mesmo quando perseguidos e, não raramente, martirizados pelos poderosos deste mundo.

O testemunho desses homens e mulheres de fé, desconhecidos do grande público, é extremamente contagioso e há de legar o evangelho aos futuros cristãos.